

REGIÃO METROPOLITANA

SALVADOR

salvador@grupoparade.com.br

TÚNEL AMÉRICO SIMAS Homens
são presos durante assalto a ônibus

atarde.com.br/bahia/salvador/

IMPASSE Entre conflitos e confusões, cenário provoca insegurança e incômodo para frequentadores da região

Moradores e comerciantes reclamam de população em situação de rua na Barra

LHAYS FELICIANO

A TARDE BA

Todos os dias antes de abrir a farmácia, o proprietário Rogério* precisa pedir que as dez pessoas que dormem na porta do seu estabelecimento se retirem. É uma rotina: ele chega, tira as pessoas, lava a calçada e começa o atendimento.

"Minha conta de água vem caríssima pois todos os dias preciso lavar a calçada que fica cheia de bitucas de cigarro e com fedor de urina. Além disso, pago mais de R\$ 4 mil só de impostos para manter meu negócio aqui, na área nobre da cidade", desabafa o comerciante que está no local há 5 anos.

A área nobre é a Barra, um dos bairros que tem o metro quadrado mais caro de Salvador. O lugar que é passagem de um dos principais circuitos de carnaval da cidade, tem entre os seus transeuntes, um grande movimento de turistas e soteropolitanos que frequentam os pontos turísticos do local.

Entretanto, a região também reúne em suas ruas e esquinas, um grande número de moradores de rua, o que segundo os residentes que possuem moradia fixa no bairro, a convivência está se tornando cada vez mais complicada.

Entre as reclamações de tumultos e confusões, uma situação que se tornou rotineira, a presença de pessoas pedindo dinheiro e os travessieiros nas calçadas que "marcam" o local provocam insegurança e incômodo aos comerciantes, moradores e pedestres.

Quem circula diariamente pelas ruas residenciais na Barra tem se queixado das constantes abordagens de moradores de rua que, conforme relatam, a maioria está visualmente sob efeito de drogas.

"Uma vez um deles não queria sair da frente da loja, pedi de todas as formas para se retirar e quase fui agredida. Vieram alguns amigos dele para cima de mim e se não fosse os rapazes da outra loja, eles iriam me bater ou jogar pedra como já fizeram outras vezes", conta outra comerciante.

Eles fizeram da rua sua casa, passam o dia bebendo, discutindo, brigando. No mesmo lugar onde dormem, urinam e defecam. O cheiro chega a subir aos apartamentos. "O carro da prefeitura vem lavar as calçadas, mas não adianta porque eles não saem do lugar. A lavagem pula o local onde eles ficam, então nunca estará totalmente limpo", reclama uma moradora que vive no bairro há 10 anos.

Coação

Um dos pedintes está no bairro há 30 anos e é um antigo conhecido dos moradores. "Ele era uma rapaz tranquilo, tomava banho, se cuidava, fazia uns serviços. Como ele é conhecido por aqui, as pessoas o ajudam muito, doam alimentos, roupas e dinheiro, os outros pedintes perceberam isso e ficam em cima dele para tirar proveito do que ele ganha. Há alguns meses ele não quis entregar dinheiro para um outro morador de rua, que com raiva, queimou ele", conta um comerciante local.

Ele foi ao hospital e, em seguida, retornou à rua, os moradores doaram remédios, cuidaram dos curativos, mas hoje ele já está novamente entregue às ruas,



Homem dorme em calçada próxima aos estabelecimentos comerciais

Fotos: Margarida Neide / Ag. A TARDE

não quer mais cuidados, já não toma mais banho, não se alimenta, e ainda se tornou violento.

Um dos pedintes chegou a ser preso, mas depois de um tempo voltou ao local. Há ainda uma grávida com seu companheiro alcoólatra que brigam e discutem a noite toda em voz alta. "Eles têm um pedir que constrange, quase uma ameaça", relata outra moradora que está no prédio há 14 anos.

Apelo

Os moradores e comerciantes alegam que não sabem mais a quem recorrer. "Ligamos para a polícia, mas os policiais falam que os moradores não apresentam riscos. Ligamos para prefeitura, quando o carro passa eles ficam em silêncio. O carro vai embora, a baderna volta".

A Barra é apenas mais um de vários pontos de Salvador que evidenciam a presença frequente dos moradores de rua. A última pesquisa realizada pelo Ministério do Desenvolvimento Social, em 2008, apontou a existência de cerca de 3.200 pessoas em situação de rua na capital baiana.

Embora não haja uma pesquisa oficial atualizada acerca da contagem da população em situação de rua de Salvador, a Secretaria Municipal de Promoção Social e Combate à Pobreza possui registros dos atendimentos em unidades voltadas para este público, a exemplo dos Centros de Referência Especializado para População em Situação de Rua (CEREP), onde foi verificado que até o ano de 2017, o local cadastrou pouco mais de 5.900 pessoas em situação de rua.

*NOME FICTÍCIO

Região tem movimento intenso por conta dos pontos turísticos



Equipes de limpeza das calçadas encontram dificuldades para atuar no bairro da Barra

Sempre oferece serviços de acolhimento e apoio

As equipes da prefeitura realizam uma abordagem social com o objetivo de oferecer alternativas de inserção em serviços, programas e projetos, ofertados pelo município. Em casos específicos, eles são encaminhados para as unidades de acolhimento, mas depois da conversa, os moradores de rua só saem do lugar se eles quiserem, o órgão não pode obrigar.

Quando a equipe vai até o local, o trabalho com cada indivíduo é realizado de forma individual e, em média, cada acolhimento dura o período de três a seis meses. Mas o problema está justamente nesse período pós acolhimento onde a maioria volta para as ruas. Aqueles que adquirem a autonomia necessária para gerir a própria vida, são inseridos no programa para recebimento do auxílio-moradia, no valor de R\$ 300 mensais.

Para Trícia Calmon, cientista social, coordenadora geral do Programa Corra pro

Abraço, da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social do Estado da Bahia (SJDHDS), o morador de rua tem que aprender no acolhimento e não desejar mais voltar para a rua. "Precisamos abrir um diálogo com essas pessoas que já passaram ou que estão nas unidades de acolhimento e as pessoas que estão na rua a respeito de como tem sido essa experiência de estar nessas unidades".

Trícia Calmon explicou também que se as pessoas chegam a esse nível de vulnerabilidade, a gente precisa pensar que toda a sociedade tem um pouco de responsabilidade.

Em relação às pessoas que fazem o uso abusivo, nocivo de drogas, o programa propõe um tipo de clínica, de cuidado e acolhimento nos locais onde elas estão dentro das possibilidades das pessoas de adesão. Ou seja, procura ser um serviço ponte aos equipamentos como CAPS Álcool e Drogas.